

40 anos de caminho - serviço

Irmã Maria Emília Diniz
Júlio Pereira de Sousa

A história da Escola, numa entrevista feita pelo Doutor Júlio Emílio Pereira de Sousa à Irmã Maria Emília Diniz.

Nesta celebração dos 40 anos da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, queremos rememorar a história da instituição, queremos fazer uma retrospectiva do que foi vivido. Sendo a Irmã Diniz a Directora que precedeu a actual e tendo acompanhado diferentes momentos e circunstâncias da vida da nossa Escola, resolvemos pedir-lhe que nos ajude a fazer essa peregrinação pelo passado.

- 40 anos, quando se está ainda na viragem dum milénio, é uma gota de tempo no oceano da história do mundo e da humanidade.

Quando, porém, se trata da existência duma instituição, 40 anos são já parcela considerável e significativa duma história densa de vida - é o caso da ESE de Paula Frassinetti.

Começo por delimitar as barreiras do tempo em análise e por fazer ressaltar a proporção relativa dos elementos estruturantes. Na sua simplicidade, o quadro 1 parece-me elucidativo...

De facto a evolução é notória. Quanta vida a perpassar este tempo, quanta mudança a traduzir essa vida. Até o século e o milénio mudaram!...

Estamos perante as quatro últimas décadas do século XX, com todos os seus erros e conquistas, com todo o cortejo de transformações que as caracterizam, com todas as mudanças e ensaios no nosso sistema educativo.

O que era, em 1963, a educação pré-escolar em Portugal ?

- Uma realidade quase irrelevante. Creio poder afirmar que apenas se começava a despertar para o valor e necessidade de criar, para as crianças dos 3 aos 6 anos, um ambiente próprio, a favorecer o desenvolvimento, a proporcionar aprendizagens, a oferecer clima de

31

Datas	1963	2003
Cursos	1	6
Nível	Médio	Superior
Alunos(as)	32	1010
Professores	9	85
Funcionários	-	30
Irmãs	3	4

Quadro 1.

sociedade.

E foi nesse contexto que a Escola surgiu...

- Sim, foi neste ambiente, neste condicionalismo que, a 22 de Outubro de 1963, nasceu esta Escola. Para o Instituto das Irmãs de Santa Doroteia, ao qual ela pertence e cuja missão específica é "evangelizar através da Educação", surgiu como uma prioridade a criação de um estabelecimento de formação de educadoras de infância.

Desde a sua origem, teve um "bilhete de identidade" bem definido:

O nome - Paula Frassinetti - a referência que atravessa o tempo e o espaço, porque permanece viva na intemporalidade e na universalidade da sua mensagem.

A missão - fazer trabalho de multiplicadores, formar formadoras para lidar com crianças nas idades mais débeis e mais receptivas, para as ajudar a crescer, a lançar os alicerces da pessoa em construção.

O ideário - ser uma expressão de Fé no mundo da cultura, já que para nós, Doroteias, educar significa "deixarmo-nos possuir pela pedagogia do Evangelho".



O logótipo - uma alavanca, e a máxima "Dá-me um ponto de apoio e eu levantarei o mundo". Porque, aqui, o fulcro é Cristo, até a mão frágil dum criança pode arriscar essa tarefa ingente.

Estão demarcadas as origens, a natureza. Importa agora saber como foi concebida a Escola, como surgiu o sonho.

As instituições, tal como as pessoas que as sonham, têm a sua história desenvolvida num ritmo e num tempo de crescimento próprios. Para isso talvez interesse conhecer o testemunho da 1ª Directora, a fundadora portanto, a Irmã Maria Amélia Abecasis, a quem perguntámos:

Como viveu o sonho de criação da Escola?

- "Começo por dizer que nunca sonhei criar a Escola. Sentia que não tinha preparação para o fazer. A minha formatura é em Matemática e, além disso, apenas possuía um breve Curso de cinco meses sobre Educação de Infância.

Foi solicitada com insistência à nossa Congregação, pelo Ministério da Educação, a abertura da Escola de Educadoras no Porto. Para todo o País, só existiam então três, em Lisboa.

Penso que este pedido terá tido origem na boa impressão que uma Inspectora, D. Belmira, tinha acerca do Jardim de Infância do Colégio Nossa Senhora da Paz, por ela visitado várias vezes.

A Irmã Maria José Lencart, Superiora do Colégio, pediu licença para abrir a Escola à Irmã Maria Margarida Furtado Martins, então Superiora Provincial, que se encontrava em visita às nossas Casas de Angola. A Irmã Furtado Martins respondeu com um telegrama, cujo texto era o seguinte:

"Aprovo. Baptizo. Paula Frassinetti." Este telegrama está arquivado na Escola.

A Irmã Lencart pensou em mim para

fundar a Escola e disse-mo. A minha reacção, e muito persistente, foi dizer que não o devia fazer, por não ter a formação requerida.

Acabei por aceitar, perante a insistência, pensando que, quando Deus quer, e no-lo faz conhecer pela Obediência, os assuntos, ainda que difíceis, ficam à conta d'Ele. A mim competir-me-ia fazer o melhor que pudesse. Assim fiz, e assim começou a Escola.

O primeiro trabalho foi a escolha do Corpo Docente. Este era na verdade altamente qualificado e tomou a Escola, desde o primeiro momento, como coisa muito sua.

E eu?... Eu fui aprendendo, assistindo a todas as aulas, tirando os meus apontamentos, ajudando as alunas nas suas dificuldades, procurando possíveis Centros de Estágio - em todo o Porto e arredores mais próximos só havia quatro Educadoras de Infância...

Deixei entrar em mim o SONHO DE DEUS e trabalhei para o realizar, até ao limite das minhas possibilidades.

Deus esteve connosco, e a Escola começou a dar os primeiros passos, não com a minha força, mas com a força de Quem a sonhou".

Quatro anos volvidos, assumiu a direcção da Escola a Irmã Maria de Lourdes Maia. Interrogámo-la: O que pensava como missão de uma Escola de Educação?

- "Nos três anos - 1967 a 1970 - em que tive a responsabilidade da Escola, esta, como outras que existiam em Portugal, era uma instituição particular e ministrava um curso médio que preparava as alunas para serem educadoras de infância. O facto de ser uma instituição deste tipo tinha a vantagem de uma maior flexibilidade dos programas, que se reviam e

ajustavam no final de cada ano lectivo. A preparação escolar exigida era o equivalente ao actual 3º ciclo do ensino básico. Além de muito novas, as alunas traziam uma preparação intelectual bastante deficiente.

O que pensava como missão de uma Escola de Educação?

- Raparigas cuja profissão seria educar crianças, tinham, necessariamente, de ser adultas. Surgiam, com frequência, problemas quer com as instituições, quer com o restante pessoal que lá trabalhava. Achávamos que não se devia evitar-lhes as dificuldades. Procurava-se que se habituassem a resolver sozinhas os inevitáveis conflitos, não se furtando ao indispensável diálogo e sendo críticas relativamente às suas próprias atitudes. Ouviam-se as suas razões mas também as razões das instituições. Isso permitia-nos ser objectivas e ajudá-las. As alunas sabiam que podiam contar com as sugestões e conselhos da Escola mas nunca com um apoio incondicional, porque, muitas vezes, elas tinham, com a sua maneira de ser e de agir, contribuído para criar a situação problemática. Na vida profissional, surgiriam outros problemas e tinham de estar habituadas a resolvê-los, aprendendo a tratar com pessoas diferentes no modo de pensar e agir, aceitando-as com respeito e aceitando também a crítica dos outros às suas próprias pessoas e ao seu trabalho. Procurava-se que os estágios finais, com a duração de um ano lectivo, fossem distribuídos com o seguinte critério: as situações mais difíceis caberiam às melhores alunas. Em nosso entender, isso seria vantajoso para ambas as partes.

Outra área em que pareceu importante investir foi a da cultura. Dada a insuficiente preparação intelectual que as alunas traziam, corria-se o grande risco de se

contentarem com algumas noções de Psicologia e Pedagogia, assim como de se absorverem demasiado na preparação do material necessário para os estágios. Valorizavam-se por isso, muito, as cadeiras cujos programas se destinavam a abrir o horizonte cultural e fomentava-se a leitura, enriquecendo a biblioteca com numerosas obras literárias de reconhecido mérito. Fomentava-se ainda o conhecimento e o apreço pelas diferentes expressões artísticas, assim como o desenvolvimento da curiosidade intelectual. Havia assuntos de que nunca fariam às crianças, mas que eram indispensáveis para a formação da sua personalidade, como mulheres e como educadoras. Nesta perspectiva, procurava-se que estivessem ao corrente das questões sócio-políticas em debate na época. Isso exigia, antes de mais, o hábito de reflectir sobre as coisas, de ouvir os diferentes pontos de vista e desenvolver o sentido crítico, o que lhes permitiria assumir com coragem as decisões pessoais. Tratava-se não só de que não se alheassem dessas questões, mas procurassem ter sobre elas uma opinião devidamente fundamentada. Utilizavam-se todos os meios para que crescesse nas alunas o desejo de assimilar o essencial do património de cultura da humanidade, situando-se num mundo em que deviam considerar-se obrigadas a intervir.

Sentiam-se muito, na altura, os reflexos de alguns acontecimentos, quer a nível nacional quer a nível internacional. Assim, havia as questões levantadas pelo Concílio Vaticano II (1962 a 1965), e pela revolução estudantil de Maio de 68 em França. Em Portugal, viviam-se os problemas suscitados pela guerra colonial e, no Porto, toda a polémica gerada à volta do Bispo, D. António Ferreira Gomes, restituído à sua sede episcopal depois de um longo exílio, motivado pela crítica à política

social do governo de então. Tratava-se de uma escola católica e isso implicava a criação dum contexto de educação da fé cristã. Procurávamos que as alunas compreendessem que a adesão à pessoa de Cristo é indissociável da assimilação da sua mensagem de amor e de liberdade. Além de proporcionar os meios de aprofundar a cultura religiosa, a escola tentava que olhassem sempre o mundo como o lugar privilegiado da vivência da sua fé. Por outro lado, fazia-se um grande esforço por lhes inculcar o respeito devido aos diversos caminhos que os homens sempre foram abrindo, no intuito de dar sentido às suas vidas e de organizarem a sociedade numa perspectiva de maior justiça. Era nossa convicção que os cristãos deveriam ser capazes de trabalhar ao lado dos outros homens, em atitude de diálogo e no empenho comum de construir um mundo de justiça e fraternidade, contribuindo para a harmonia com os outros seres do universo de que fazemos parte, mas de que não somos senhores. A educação cristã das crianças devia ser informada por este respeito e esta abertura, assim como pelo realismo do compromisso concreto em favor dos outros. Nessa linha, as alunas trabalharam com outras instituições empenhadas no serviço social e organizaram-se actividades com populações do interior.

Na nossa perspectiva, atendendo com inteligência e coragem a todos estes aspectos, a Escola cumpria a sua missão de educar as alunas e de preparar educadoras de infância".

A aproximação desses ventos de mudança teve por certo repercussões na vida da instituição. A nível social, a nível político, o ambiente era febricitante: dominava o desejo de mudança, de modificação de estruturas, duma nova orientação política para o país. É impossível

que tudo isto não tenha vindo a repercutir-se no clima da Escola...

- Nesta conturbada década de 70 assumiram a direcção da Escola Maria de Jesus Santa Clara Gomes e de novo a Irmã Abecasis até 1981. Entretanto as instalações tinham mudado para a Av. Combatentes da Grande Guerra.

Para responder à sua pergunta, tomo as palavras de Joaquim Ferreira Gomes in A Educação Infantil em Portugal:

"Em 1975, no calor da "revolução", algumas alunas houveram por bem abandonar a Escola e fundar a chamada "Escola Popular de Educadoras de Infância do Porto". A Escola Paula Frassinetti conseguiu, porém, vencer a tempestade e continuar a sua missão."

Outra crise surgiu em 1981, embora de diferente cariz. Também aí a Escola conservou a sua identidade, permaneceu fiel ao serviço do Evangelho e da cultura.

Foram contestações e abalos na construção ao longo do tempo. Nem sempre rectilíneo, o percurso-pedagógico e existencial - sofreu ajustamentos e avanços, que se saldaram em conquistas, sofridas por vezes, mas robustecedoras. A existência tem um carácter agónico, mas a verdade por que se luta acaba por triunfar, na certeza e na força do sonho-realidade. Na vida das pessoas, como na das instituições, "ser-se dói" como afirmava Fernando Pessoa.

Chegamos assim à década de 80. A directora da escola de 81 a 87 foi a Irmã Angelina Brites Moita, impossibilitada por motivos de saúde de nos dar o seu testemunho. Queremos porém evocar os esforços que envidou, nesta fase preparatória da passagem a Escola Superior.

De facto, a evolução por que passou a formação quer dos educadores de infância quer dos docentes do 1º ciclo do ensino básico, urgida ainda pela publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86 de 14 de Outubro) levou a essa reconversão.

Era um período decisivo da situação das Escolas de Educadoras.

Desde 1987 a Irmã Diniz assumiu a direcção da Escola, cargo que desempenhou durante 10 anos.

Quer falar-nos agora em 1ª pessoa, desse período?

- A transformação em Escola Superior impunha-se: era uma questão vital, pois a alternativa seria a extinção. E quando se acredita estruturalmente na validade dum obra e dum projecto, quando esse projecto é formar os jovens que terão nas suas mãos o potencial humano das gerações do futuro, luta-se, arrisca-se, procura-se recriar, no horizonte da proposta originante.

O Decreto Lei nº 407/88 de 9 de Novembro criou a Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Dada a importância dos aspectos logísticos, as instalações foram transferidas para a Rua Gil Vicente em 1988. Inevitavelmente impunha-se abrir a novos rumos, buscar respostas a crescentes desafios e responder a exigências cada vez mais profundas da sociedade.

O plano curricular foi totalmente reestruturado, introduzindo matérias que melhor podiam responder a novos desafios e apelos.

Considerando que tudo isso poderia ser favorecido pelo apoio de uma Instituição Universitária, solicitou-se e estabeleceu-se um protocolo com a Universidade Católica Portuguesa, em 30 de Janeiro de 1989. E porque

a mudança de nome, para ser real, implicava transformações concretas, a Escola colocou em 1990 - 91 mais um marco no seu caminho - a criação do Curso de Estudos Superiores Especializados em Educação Especial; autorizou-o a Portaria n.º 1073/91 de 23 de Outubro.

Foi um abrir-se a outros âmbitos do saber, respondendo a novos desafios da sociedade. A escolha deste campo de acção teve uma fundamentação institucional. Quando Paula Frassinetti fundou o Instituto, em 1834, tinha como principal objectivo consagrá-lo à educação da juventude, com preferência pelas crianças mais desfavorecidas, mais carenciadas e desprotegidas, a vários níveis.

Numa época em que o número de crianças e jovens com Necessidades Educativas Especiais vai aumentando progressivamente e em que faltam os agentes educativos devidamente preparados, a Escola quis ser uma ajuda e um estímulo para os educadores dessas crianças e jovens, proporcionando-lhes saberes e técnicas de intervenção.

Numa sociedade arrogante e num sistema educativo fechado, a deficiência desempenha um papel capital de equilíbrio e de advertência, "impedindo a sociedade dos homens de erigir em direito e em modelo a imitar, a saúde, o vigor, a força, a astúcia e a inteligência. Ela constitui esse aguilhão do grupo social - e da escola - que impede a loucura das certezas e da identificação com um modelo único", escreve Sticker.

Aceitar a diferença - as nossas mútuas diferenças - é uma das aprendizagens difíceis que todos temos de fazer: convertê-las em complementaridade e não em oposição, reconhecê-las como riqueza e caminho de valorização.

Preparar agentes para tratar com esse tipo de "pobres" da nossa sociedade, em busca do lugar e da dignidade a que têm direito, é hoje uma expressão da preferência de Paula Frassinetti pelos "rostos de Cristo sem moldura", é hoje uma forma de promoção da justiça, é portanto uma exigência que a Congregação se impõe.

No campo imenso da educação, porém, as urgências multiplicam-se, os projectos sucedem-se. Creio que esse CESE em Educação Especial levou a uma outra iniciativa - os "Sábados Diferentes". Em que consistem? Quando começaram? Mantêm-se ainda?

- No desenrolar das actividades, sentiu-se a exigência de um olhar lúcido sobre as crianças dotadas de potenciais superiores de inteligência. Em causa está, para um bem comum, o desenvolvimento dos valores que trazem em si e marcam o seu perfil; por outro lado está o risco dum comportamento desviante, que resultará do nosso não atendimento e pode lançá-las, além do insucesso escolar, na marginalidade.

A Escola sentiu a responsabilidade dum compromisso de solidariedade para com essas crianças e as suas famílias, que em tantos casos se têm sentido privadas de respostas dignas e eficazes. Surgiu assim, em 12 de Outubro de 1996, a iniciativa "Sábados Diferentes" - manhãs de sábado com actividades no campo da informática, da expressão dramática, das artes plásticas, da micro- biologia, etc.

As crianças vinham com entusiasmo - era o saborear de uma escola diferente a ser resposta às suas legítimas aspirações e à riqueza das suas muitas possibilidades. Era um quase reencontrar da escola no sentido etimológico (do grego scolh) - o ócio gozoso mas

fecundo, que proporciona saber e possibilita aprendizagens.

Apraz-me ainda sublinhar que a designação do corrente ano de 2003 como Ano Internacional das Pessoas com Deficiência vem provar o acerto da nossa opção.

Voltando ainda aos CESE(s).

Se não estou equivocado, a educação especial não foi o único domínio abordado pela Escola. Outros se seguiram. Quais os âmbitos de saber em que se efectivaram? Razões dessas preferências?

- Permita-me uma nota prévia: o papel desempenhado pelo Conselho Científico (praticamente inalterado durante estes dez anos), no apoio prestado à direcção da Escola em todo o processo de evolução da mesma.

Foi uma colaboração preciosa, uma ajuda que ultrapassou todas as expectativas e sem a qual muito do que se realizou, nestes inícios de Escola Superior, não teria sido possível.

Pelo saber e competência, pelos conhecimentos nesse mundo do Ensino Superior, pela visão sagaz, mas prudente e equilibrada, pelo interesse demonstrado, nunca saberemos exprimir suficientemente a nossa imensa gratidão.

Sempre defendeu esse Conselho que o desenvolvimento da Escola se fizesse com critérios de rigor científico, de inovação pedagógica e de gradativa progressividade.

Foi uma orientação que sempre procurei ter presente. Nesta perspectiva retomemos a pergunta. Seguiram-se o CESE em Organização Curricular e Metodologias Educativas (Portaria n.º 417/96 de 27 de Agosto) e outro em Comunicação e Novas

Tecnologias no Ensino (Portaria n.º 422/96 de 28 de Agosto). São óbvias as razões destas escolhas. O primeiro surgiu como uma espécie de corolário da dominante pedagógica da Escola; o segundo pretendeu abrir caminhos para o mundo avassalador da comunicação.

"As novas tecnologias fizeram entrar a humanidade na era da comunicação universal; abolindo as distâncias, concorrem muitíssimo para moldar a sociedade do futuro, que não corresponderá, por isso mesmo, a nenhum modelo do passado".

Estas palavras do Relatório da UNESCO, elaborado pela Comissão Internacional sobre a Educação para o séc. XXI, constituem, por si só, motivação suficiente para a nossa escolha. A confirmá-la, já no hoje do séc. XXI, o I Congresso Continental Igreja e Informática, celebrado de 2 a 5 de Abril na cidade mexicana de Monterrey, pronunciou-se assim:

"A diversidade e pluralidade das culturas juvenis é abordada a partir do conceito de Educomunicação, afastando-se da ideia de comunicação como poder e "fortalecendo a atitude crítica perante o conhecimento, a história e a cultura".

O uso das novas tecnologias deverá ser orientado, dessa forma, por uma cultura de reconciliação e de comunhão interpessoal, que leve a uma cultura de diálogo, encontro e solidariedade. A presença da Igreja na Internet deve pautar-se, ainda, "por um grande profissionalismo", impulsionado pelo desejo de excelência e máxima interactividade".

Mas a duração dos CESE(s) foi efémera. Entretanto a Escola abria-se a um outro campo de formação - a Educação Social.

Novamente as perguntas: o quando, o porquê?

- De facto os CESE(s) foram substituídos pelos Complementos de Formação, de diferentes modalidades, para obtenção do grau de licenciado(a). Criou-os o Decreto-lei n.º 255/98 de 11 de Agosto; a Escola ofereceu um vasto leque de opções, que foram aprovadas pela Portaria n.º 279/99 de 17 de Abril.

Mas estou a ultrapassar-me no tempo.

Falemos então do Curso de Educação Social, aprovado pela Portaria n.º 277/96 de 20 de Julho.

Começou por ser um bacharelato e é agora uma promissora licenciatura.

O porquê da escolha? Sempre a linha de rumo da Congregação - o maior serviço aos homens - e a consciência de que é uma forma de intervenção social, de projecção para o exterior, ajudando outros a procurar o sentido do homem e da vida, a determinar portanto comportamentos. Prepara agentes para actuar no campo da educação não formal, quer ao nível dos jovens quer dos idosos.

Entre outros objectivos deste curso destacam-se:

- Identificar problemas sociais e desenvolver campanhas preventivas e programas de educação
- Realizar, dinamizar e apoiar actividades de carácter cultural, recreativas e de tempos livres
- Despoletar atitudes no Idoso e no Jovem que os façam investir numa melhoria da sua qualidade de vida
- Trabalhar em equipas integradas, visando a articulação de saberes multi, inter e transdisciplinares.

O Curso de 1º ciclo do Ensino Básico, actualmente no 3º ano de funcionamento, e que foi aprovado em 1999, era, quando deixei a Escola, uma proposta já muito

trabalhada e muito válida, nos seus aspectos inovadores.

Assumir a iniciativa de, como instituição, lançar uma Revista científica é uma afirmação de presença, mas também uma responsabilidade. Sei, porque tenho acompanhado e colaborado, que a Escola lançou mais esse veículo de comunicação, mais esse meio de irradiação no mundo da cultura. Quer dar-nos pormenores?

- Prometida por ocasião da celebração dos 30 anos da Escola, surge em 1996 o primeiro número da Revista SABER (E) EDUCAR.

Tal como se afirmava na NOTA DE ABERTURA, o título escolhido, na sua dupla leitura, fala de informação - SABER - de formação - EDUCAR - e sugere um projecto - SABER EDUCAR.

Com este lançamento visámos em primeiro lugar afirmar a qualidade na educação, questão dúctil e polissémica, hoje recorrente nos mais variados domínios, no âmbito da própria vida. Mas, como afirma o Professor Doutor Manuel Patrício, colaborador nesse primeiro número e grande amigo da Escola "a qualidade de vida será ilusória e sempre precária, se não culminar na vida de qualidade. E esta é a da educação e da cultura".

A periodicidade da Revista é anual e este é o seu 8º número. Falava-se, no 1º, de semente lançada e de fruto a devir: creio que os resultados, ao fim destes anos de publicação, não têm frustrado as expectativas.

Poderíamos falar agora dum tema que, quase desde a fundação, sei tem sido objecto de preocupação-acção da Escola. Estou a referir-me a esse tema hoje insistentemente tratado e que as mudanças, céleres e profundas, a que estamos sujeitos, tornam

urgente e imperativo - a formação ao longo da vida. Intervenção da Escola neste campo?

- Dois imperativos, um epocal e outro afectivo, impulsionam as nossas iniciativas nesse sector.

"A educação ao longo de toda a vida deve fazer com que cada indivíduo saiba conduzir o seu destino, num mundo onde a rapidez das mudanças se conjuga com o fenómeno da globalização, para modificar a relação que homens e mulheres mantêm com o espaço e o tempo" - afirma-se no já referido Relatório para a UNESCO.

Após os alunos terminarem os seus Cursos, deixando um elo em símbolo de pertença e ligação à Escola (a corrente já vai longa, ao fim de 40 anos...) a Formação Contínua tem sido uma das nossas grandes preocupações; daí o lançamento de múltiplas acções, no âmbito do programa Foco ou por iniciativa própria.

É uma forma de reencontro e de actualização de saberes.

A população alvo destas acções é constituída predominantemente pelos Educadores Cooperantes - os responsáveis, em centros muito diferenciados, pelos estágios dos nossos alunos ao longo de todos os Cursos.

Registo a magnífica colaboração que prestam à Escola, pela seriedade do seu trabalho de acompanhamento e pelo profissionalismo que constitui referência, para quem está a aprender.

Hoje ninguém pode adquirir na juventude uma bagagem de conhecimentos que lhe baste para toda a vida: exige-se uma actualização contínua dos saberes e uma atenção permanente dos condicionalismos sócio-económicos

e culturais em que a acção educativa vai ser exercida.

A própria educação, os projectos pedagógicos, os recursos ambientais estão em contínua evolução: uns saberes penetram e enriquecem os outros. É um continuum educativo englobante dos processos que levam as pessoas, desde a infância até ao fim da vida, a um conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si próprias.

Cruzando um pouco o registo diacrónico, quero lembrar que a Escola foi reconhecida como Entidade Formadora pelo Conselho Científico - Pedagógico de Formação Contínua, em Julho de 1993.

No início deste artigo traçou-nos um perfil da Escola na sua origem. Através de quanto foi exposto, sente-se que há preocupações que transversalmente perpassam ao longo de todo o percurso: ensinar a aprender, ajudar a ser mais, propor valores, saber (e) educar. Acha que a ideia originante foi mantida?

- Sei que a Escola evoluiu no tempo, na localização, na abrangência. Mas o fio condutor dum percurso, quando há uma base estruturante a sustentá-lo, em nada altera os traços definidores duma instituição.

No meio das contingências circunstanciais, esses traços mantêm-se inalterados: o espírito de família, o rigor científico, a abertura ao novo.

Se é o ambiente que forma e que educa, a permanência desses traços de identidade deve-se em grande parte à colaboração e complementaridade do corpo docente, coeso e eficiente, que se tem mantido na Escola e tem acompanhado a evolução no seu ser e estar em educação.

Tem havido uma notável progressão nas carreiras, um profissionalismo relevante e um assimilar progressivo do espírito que anima a instituição.

O mesmo empenho no progresso comum, o mesmo esforço em fazer avançar uma obra sentida como de todos, a mesma resposta a solicitações crescentes, sempre o encontrei também no grupo de funcionários. O sonho foi-se propagando...

E quando sonhamos juntos o sonho vai-se convertendo em realidade.

A vida, porém, é plurifacetada: há por certo aspectos, intra e extra-muros da escola, que completam o quadro de existência e que importa registar. Quer apontá-los?

- Escalonei no tempo o percurso académico, ao qual urge acrescentar ainda uma referência.

40 **Em afirmação do direito constitucional de liberdade de ensinar e aprender, a Escola é sócia fundadora da APESP - Associação Portuguesa do Ensino Superior Particular - criada em 25 de Fevereiro de 1994.**

A Associação tem vindo a afirmar-se como interlocutor válido e sério com o Governo, neste campo sempre delicado, e é hoje reconhecida como parceiro social. Ninguém contesta que o associativismo é sempre uma força na defesa daquilo por que lutamos.

Concordo, porém, que há traços do perfil humano que é necessário aflorar: favorecem a convivência e a relação, apontam outros horizontes, ajudam a agarrar a dimensão da "Festa, que é a concentração da vida", como afirma o Ir. Roger Schutz de Taizé.

Houve, neste arco de tempo, múltiplos eventos culturais,

participação em colóquios e congressos, em Portugal e no estrangeiro, com o enriquecimento que essas iniciativas sempre trazem.

Houve celebrações que marcaram quem nelas participou pelo que evocavam ou sensibilizaram, pelo que proporcionaram experimentar numa interacção e numa relação interpessoal que deixaram sulcos.

Realizaram-se campanhas de sentido humanitário, como resposta a carências sociais vindas do exterior. Entre as celebrações da vida nas suas múltiplas dimensões, destaque, pelo impacto que tiveram no exterior, a realização de uma Semana Cultural, em 1992, e os 30 anos da Escola.

Transcrevo o que então se divulgou, no que diz respeito à Semana Cultural:

"Um dia acontece no coração de todos os caminheiros desta viagem-para-a-frente - que é educar - o desejo e o tempo certo de se fazer o grande teste: medir o crescimento.

E porque o homem se mede sempre na relação com o outro, mas sobretudo com o "fora de portas", esse teste só poderá ser feito num espaço aberto que deixe que a vida lá de fora venha habitar connosco, a questionar o quotidiano, necessariamente mais pacífico, da vivência institucional.

O espaço pedagógico-cultural "UMA VIAGEM PELA INFÂNCIA...UMA VIAGEM À INFÂNCIA" - a nossa semana cultural - é assim um espaço aberto à comunidade, com um convite de diálogo, em torno do tema integrador - A INFÂNCIA.

Infância vista por nós numa viagem pelo tempo, a apresentar num grande painel informativo, para que a des-memória não negue ou esqueça as conquistas da história...

Infân
(log
reco
ateli
mão:
mov
pala
teci

A Inf
de te
ela,

Infân
esp
educ

E po
é o
mui

De f
de r
de e
enri
cam
exp

A ce
anu

"Ab
Esc
con
long
vida
- ur
mul
- ou
co
Edt

São
Ani
pro
- i

Par
sol
edi
de
esp
e d
ref
qu
ho

quios e
tal e no
ecimento
e trazem.

marcaram
pelo que
am, pelo
perimentar
relação
sulcos.

has de
resposta
idas do
ções da
ensões,
tiveram
de uma
e os 30

divulgou,
Semana

ação de
viagem-
icar - q
se fazer
cimento.

sempre
o, mas
portas",
ito num
e a vida
noscio,
diano,
ficio, da

al "UMA
...UMA
nossa
sim um
le, com
orno do
ÂNCIA.

viagem
tr num
ara que
ue ou
stória...

Infância em acção connosco (logisticamente a Escola foi reconvertida por completo) em ateliers de "expressão" onde as mãos, o corpo, a cor, os sons, o movimento, os números e as palavras... têm voz em "textos" tecidos pelos meninos...

A Infância, interlocutor e destinatário, de textos que muitos sonharam para ela, e que nós animamos...

Infância como tema integrador de espaços de formação para educadores.

E porque ninguém cresce sozinho, e o um é sempre a travessia de muitos, contámos com todos".

De facto acorreram, por turnos, mais de mil crianças, que puderam fruir de experiências novas, gozosas e enriquecedoras, sobretudo no campo das expressões. Foi uma explosão de vida!

A celebração dos 30 anos foi assim anunciada e vivida:

"Aberta à dimensão comunitária, a Escola quer celebrá-los em comunhão com todos os que, ao longo do percurso, tocaram a sua vida:

*- uns, da primeira hora, ligados ao mundo da Educação de Infância
- outros, mais recentes, envoltos na complexa problemática da Educação Especial.*

São três dias de Encontro - Animação - Reflexão o que vimos propor, polarizados em torno de uma - ideia chave: a Construção.

Partiremos de uma visão de conjunto sobre "Os grandes problemas de educação da sociedade de hoje", deter-nos-emos em aspectos específicos do mundo da infância e da deficiência, para terminar numa reflexão conjunta sobre "As grandes questões que se colocam à escola hoje". No entrecruzado dos debates,

na troca de experiências, na comunicação de saberes, haverá por certo descobertas, enriquecimento, confirmação. É a vida, na sua densidade e desafios, que queremos partilhar".

Ao deixar em 1997 a Escola, como a definia?

- Somos uma Escola. Estrutura, organização, sistematização, são dimensões não despiciendas, mas antes disso trata-se dum espaço de ciência com as duas vertentes - teoria e prática, investigação e acção em contínua dialéctica.

A linha do nosso horizonte não é o endoutrinamento nem sequer apenas o treino ou a instrução. Assumimo-nos como professores de professores e formadores de formadores, mas sobretudo como educadores de educadores.

Uma Escola particular, não estatal. Isso reconhece-nos direitos e impõe-nos deveres; o direito de ser uma afirmação da liberdade de ensinar e de aprender, de defender uma autonomia, de assumir e propor projectos próprios como alternativas pedagógicas; o dever de nos afirmarmos pelo dinamismo, pela qualidade académica, pela criatividade, pela defesa de uma cultura de exigência, pelo valor e inovação das experiências realizadas.

Uma Escola de nível superior
- nos elementos que a animam
- no rigor científico
- no trabalho desenvolvido
- na investigação feita e a fazer
- na análise crítica dos saberes
- na busca de actualização curricular
- na competência profissional e progressão na carreira dos seus docentes.

Uma Escola de projecto (no duplo sentido - lançar a favor de, lançar para diante), pela sua origem, pelo espírito que a anima, pelos

objectivos que prossegue.

Neste contexto a pedagogia de "Projecto" encontra aqui o seu ambiente natural, o seu solo fértil e de dimensão ôntico-axiológica: é como que o pulsar, o respirar de um corpo.

Como Escola Católica, somos uma presença da Igreja no campo da cultura.

Ao serviço de uma sociedade pluralista, oferecemos um projecto educativo informado pelos valores do Evangelho e que procura viabilizar a síntese **FÉ-CULTURA-VIDA**.

Ao criar o Conselho Pontifício da Cultura (Maio de 1982) João Paulo II declarava:

"O diálogo da Igreja com as culturas é um domínio vital, cujo resultado é o destino do mundo, neste fim do séc. XX".

42

Porque, como formadores da juventude, estamos colocados num ponto sensível desse drama e desse diálogo, fazemos da nossa Escola um espaço aberto à realidade Mundo, à realidade Igreja, e visamos a formação integral da pessoa.

Queremos que o Professor, o Educador que a Escola forma sejam uma resposta aos desafios da sociedade e um elemento activo na construção da comunidade a todos os níveis.

Em 1997, ao cumprirem-se rigorosamente dez anos, passou o facho, o testemunho, a missão, à Irmã Maria da Conceição Ribeiro.

O futuro tem raízes no passado e o passado adquire confirmação nas perspectivas que se abrem ao futuro.

Sei que foi dada continuidade a

projectos, que outros foram surgindo, que há um dinamismo forte e vigoroso que tem impulsionado a vida.

Quer falar-nos dessa vida ?

Como temos aqui presente a actual directora, que tem sido espectadora atenta desta nossa conversa, as perguntas podem e devem ser-lhe directamente endereçadas, pedindo-lhe que foque aspectos dominantes no momento actual e aponte perspectivas de futuro.

Quer dar-nos o seu testemunho, Irmã Maria da Conceição, respondendo a vários quesitos? Para começar:

O que é a Escola, hoje?

- Hoje, somos o que somos porque fomos o que fomos ao longo destes anos. Esta afirmação pode parecer estática, mas não. Saber o que se é, e o que não se quer ser, exige um dinamismo tal que já é condição para garantir o trilhar de um caminho seguro.

A Escola quer continuar a ser um espaço de liberdade e criação do saber e aprender; quer, à semelhança do que tem feito ao longo destes 40 anos, continuar a auscultar os tempos e as pessoas para se comprometer com a resposta a dar, oferecendo à sociedade gente preparada para a diferença.

No presente, para o futuro, o que espera da Escola?

- Em relação ao futuro, esperamos que a Escola se converta, cada vez mais, numa possibilidade de aprendizagem de aprendizagens complementares. Que nela se desenvolvam capacidades diversificadas de pensamento e de acção, de modo que cada um as utilize em função do seu presente e do seu futuro. Esperamos ainda

contín
supor
cada
nossa
que v

O qu

- Ho
incon
porqu
por is
Não
educ
ating
hum
reali.
quas
relaç
de te

As r
e du
sufi
dinâ
pod
relaç
a no
form
lanç
ante

E co

- Pa
real
ser,
plur
con
vari
soc
nos

Est
des
em
em
Ens

De
raz
Pre
fut
pre
sal
faz

continuar a conseguir ser aquele suporte que ajude à integração, cada vez mais adequada, dos nossos alunos, na sociedade em que vivemos.

O que projecta para a Escola?

- Hoje, é muito difícil e até inconveniente sonhar a longo prazo, porque tudo se torna provisório e, por isso, nada se pode absolutizar. Não me refiro só ao domínio da educação, como a tantos outros que atingem profundamente a actividade humana. Algumas mudanças realizam-se tão velozmente que, quase diria, nos obrigam a procurar relações novas com novas noções de tempo.

As realidades que envolvem a educação/formação são suficientemente exigentes e dinâmicas para sabermos que se podem articular entre si, numa relação sempre alterável. No entanto, a nossa atitude é querer, de alguma forma, responder ao maior desafio lançado ao ensino superior: antecipar o futuro.

E como?

- Para além do muito que já é realidade na Escola, pretendemos ser, cada vez mais, um espaço pluridimensional: criar cultura, inovar, comunicar e estreitar relações vantajosas com os diversos tecidos sociais para os quais formamos os nossos alunos.

Este objectivo direcciona o nosso desejo para o desafio colocado a empresas e a entidades empregadoras como também ao Ensino Superior - trabalhar em rede.

De facto, os alunos são a grande razão de ser da nossa actividade. Presentemente e mais ainda no futuro, eles precisam de sair preparados com um conjunto de saberes articulados, que permita fazer a transferência dos mesmos

em qualquer desempenho da vida activa. De acordo com as exigências contidas na Declaração de Bolonha, devem possuir princípios e valores associados à capacidade de pensar bem, comunicar bem e conhecer o seu lugar no espaço e no tempo.

A Escola, como instituição católica, quer existir para gerar valores cristãos e utilidade pública, proporcionando aos nossos formandos o sentido do verdadeiro profissionalismo, o modo de usar e reproduzir o saber; de se envolverem na sociedade, dando contributos que conduzam à transformação da mesma, em espaços humano-sociais desenvolvidos; ser "fermento" positivo num mundo coberto de confusão e de diferenças profundas.

Dada a natureza da nossa instituição, para nós contam mais as pessoas - pessoas com capacidade de se interrogarem, situarem na vida e, sobretudo, que nunca desistam de querer ser pessoa. Só assim, os formandos, que a Escola colocar ao serviço da sociedade, poderão ser agentes de transformação.

A concluir, pergunto-lhe, Irmã Diniz:

Concorda com as perspectivas expostas? Quer acrescentar algo...

- A visão de Escola, neste hoje-ponte entre o que foi e o que virá a ser, assumo-a totalmente.

Acrescentar? Sonhar é sempre permitido e possível. E se me pede a confiança de um sonho, exprimo-lhe o maior: ver concretizados na Escola Mestrados, nomeadamente em Educação Especial. É assim um campo de preferência, talvez pelo pioneirismo com que a Escola viveu esse domínio de formação e pelas muitas respostas que em si contém a problemas graves da nossa sociedade.

Mas não sei nem quero fazer futurologia.

Concluo, portanto.

Está feita a peregrinação dos 40 anos de caminho-serviço.

A ideia integradora, a busca do sentido da obra definiu-a a palavra de Paula Frassinetti - "Educar bem é transformar o mundo".

Esta tem sido a missão da Escola, esta a resposta aos desafios da sociedade, formando elementos activos na construção duma cultura de comunhão e de solidariedade.

Semeámos ontem, para colher amanhã.

Tal como Paula no seu HOJE arriscámos sementes e amanhã o espaço de novos saberes, que a nossa escola projecta, estará mais próximo da realização.

44

Ao Deus presente e activo na história dos homens e das instituições, quero entregar, na Esperança, o futuro que vai acontecendo...

Ao Deus dos caminhos por fazer, ao Deus das Alianças que não quebram, entregamos o esforço que irá continuar a CONSTRUÇÃO.

Dim
ser
Esc
esp

Mesm
estrat
Super
Frassi
na fo
fomer
centr
direit
const
Instit
Dorot

Uma
tradu
probl
divers
40 ar
enco
serviç

Accã

Quan
o por
deste
realiz
curso

O fe
assu
aos
part

Exp
cont
Esco
coop
realiz
nível
Infân
Bási
de p
poss
mais
adol
ido
març